

A Ocupação Romana nas Imediações de Pedrogão (VIDIGUEIRA)

Novos Elementos Preliminares para a sua Compreensão

Júlio Manuel Pereira
Jorge Manuel Guerreiro Bastos Ferreira
Cátia Viviana Neves dos Santos

.....
Arqueólogos da APIA – Associação Portuguesa de Investigação Arqueológica

Resumo

A realização, no Verão de 2005, do acompanhamento arqueológico do restabelecimento da rede viária e dos caminhos vicinais e agrícolas afectados pela albufeira da Barragem de Pedrógão, permitiu aos autores a descoberta de alguns sítios onde se detectaram vestígios da presença romana que, apesar da modéstia do seu espólio, poderão contribuir para uma melhor compreensão da ocupação romana nas proximidades de Pedrógão (Vidigueira). Faz-se aqui uma apresentação preliminar das descobertas realizadas.

Introdução

Hesitámos bastante antes de elaborarmos esta comunicação, em virtude de os materiais recolhidos serem modestos e apenas terem sido objecto de uma análise muito sumária e preliminar, faltando procurar os paralelos que permitissem fixar, com alguma aproximação, as cronologias, passo importante para entender as sincronias e diacronias entre os sítios descobertos.

Contudo, porque entendemos que no puzzle da presença romana no território, todas as peças – por menores que sejam – são importantes e porque partilhamos do princípio de que divulgar pode ser uma forma de proteger, não quisemos deixar de aproveitar este Encontro para dar a conhecer os novos sítios referenciados.

A Presença Romana

O Período Romano, nesta como noutras regiões, correspondeu a uma transformação radical na paisagem, humanizando-a com vias de comunicação, estruturas habitacionais, plantações e mesmo necrópoles.

Um pouco por todo o lado, ao longo do tempo e à medida que é possível um viver pacífico, surgem “casas *construídas em pedra e tijolo ligados por argamassa, dispersas pelo campo, apenas a espaços largos, matizadas por aglomerações de carácter urbano incipiente, posicionadas em pontos estratégicos das vias e relacionados com as necessidades que viajantes e bestas tinham de repouso e alimento*”. (LOPES et alii; 1997: 135).

A exploração dos recursos agrícolas – a oliveira, a vinha e os cereais, - assume então uma importância capital no quadro da economia romana da região, como, aliás, de quase todos os locais onde os romanos se instalaram, o que é atestado pela existência, na maioria das *villae*, de instalações destinadas ao processamento desses produções agrícolas.

As estruturas relacionadas com esse tipo de povoamento e de exploração de recursos vegetais – as *villae*, os casais e os pequenos sítios de apoio - todas elas estão presentes na área onde se verificou a intervenção – umas identificadas anteriormente e outras no decorrer dos trabalhos.

O Conhecimento da Presença Romana nas Proximidades de Pedrógão

São conhecidos, na vizinhança imediata de Pedrógão, diversos vestígios da presença romana, de que se destacam, por se situarem na zona onde ocorreu a nossa intervenção:

- A *villa* da Insuínha 2 – notável *villa*, agora parcialmente submersa pelas águas da albufeira da barragem de Pedrógão, mas escavada antes do enchimento da mesma, situada junto à margem direita do Rio Guadiana;
- A Atalaia da Insuínha – esta atalaia consistia numa construção de estrutura triangular, com cerca de 3,5 metros de altura e 8 m de largura por cada lado, em pedra de xisto argamassada, localizada numa plataforma de origem coluvionar, junto à margem direita do Rio Guadiana. Nas imediações da mesma, para além de ocupações de épocas anteriores, foram detectadas estruturas romanas que, muito provavelmente, estariam relacionadas com a *villa* da Insuínha 2, que lhe fica próxima. A zona encontra-se actualmente submersa, mas a atalaia foi integralmente escavada e desmantelada, antes do enchimento da albufeira da barragem de Pedrógão;
- A Necrópole do Monte da Casa Branca – uma necrópole de inumação, onde teria sido encontrada uma lápide;
- A *villa* da Horta do Cano – uma *villa* romana ocupando uma área considerável, mesmo junto à povoação de Pedrógão, onde surgem bastantes materiais visíveis à

superfície, pertencentes a todo o período romano e 4 pesos de lagar de grandes dimensões. Surgiram também fustes e bases de colunas, cerâmica de construção e doméstica incluindo terra *sigillata* clara A e C e terra *sigillata* hispânica e moedas.

A Horta do Cano merece uma referência especial porque é um excelente exemplo do que NÃO SE DEVE FAZER em termos de preservação do património. Trata-se de uma *villa* que ocupa uma área estimada em 20 000 m². Em visita que efectuámos ao local deparámos com um impressionante cenário de destruição. Perante os nossos olhos estava um terreno recentemente lavrado, com vários hectares, onde se viam, à superfície, grandes fragmentos de *tegulae*, *imbrices* e *lateres* e de mármore de revestimento, ainda com argamassa.



Ilustração 1 – Horta do Cano -Cerâmica sigillata, ostentando motivos circulares e, no exemplar central, uma figuração humana

Via-se também alguma cerâmica doméstica, esta mais fragmentada – incluindo terra *sigillata* de diversas procedências - raros fragmentos de vidro e cascas de ostra.

A presença de *tesselae* atestava a existência de mosaicos no local.

Segundo Conceição Lopes (LOPES, 2003), que visitou o local antes da construção da variante de Pedrógão, tratar-se-ia de “uma das *villae* mais espectaculares do território” de Pax Júlia, a julgar pela profusão e qualidade dos materiais visíveis à superfície e amontoados nas proximidades (colunas de mármore, capitéis, bases de colunas, pesos de lagar).

É lamentável que um sítio destes, mesmo às portas da povoação, atinja este grau de destruição



Ilustração 2 – Horta do Cano - Elemento de mó que se encontrava num amontoado de pedras e base de coluna recolhida pelo proprietários de um dos terrenos onde está implantada a *villa*

Novos Sítios

A realização pelos autores, de Agosto a Novembro de 2005, do acompanhamento arqueológico do restabelecimento da rede viária e dos caminhos vicinais e agrícolas afectados pela albufeira da Barragem de Pedrogão, permitiu o contacto com alguns sítios onde, no passado, haviam sido detectados vestígios da presença romana e a descoberta de diversos outros sítios, os quais se dão a conhecer aqui, agora, de uma forma sintética.

CASA BRANCA/RIBEIRA DE MARMEJAR

Fonte da Ribeira de Marmelar 3

Os primeiros indícios de material romano (fragmentos de *tegulae*) foram localizados, nas imediações de uma fonte existente na margem direita da Ribeira de Marmelar, mesmo junto à estrada actual, o que obrigou a especial vigilância da intervenção nesse local.

Uma prospekção cuidadosa nas imediações permitiu constatar a existência não apenas de mais fragmentos de *tegulae*, mas também de ímbrices e outra cerâmica de construção e doméstica, bem como escória de fundição.

Apesar de serem escassos os estudos que relacionem a cronologia com os perfis das *tegulae*, apresentam-se aqui os perfis destas, no pressuposto de que poderão ter interesse para investigações ulteriores..

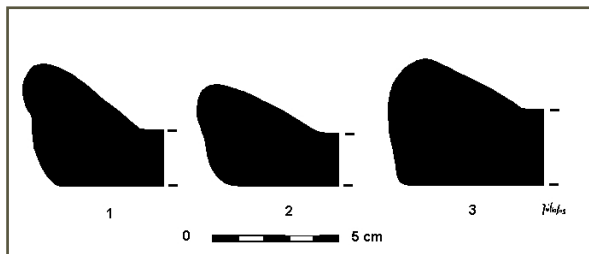


Ilustração 3 - Perfis de tegulae recolhidas

Os exemplares 1 e 2 são de pasta acastanhada e o nº 3 de cor alaranjada

Os vestígios distribuíam-se por uma terra acinzentada, contrastante com a terra avermelhada do local, no patamar superior, desde a zona da fonte até a uma depressão situada do outro lado da estrada, podendo dizer-se que o sítio já tinha sido atravessado pela estrada existente, como o comprova o achado de fragmentos de cerâmica com o mesmo tipo de decoração e pasta de um e do outro lado daquela estrada municipal.

As coordenadas do sítio, tomando como centro o local de maior concentração de materiais, do lado esquerdo da estrada, no sentido de Marmelar e junto à mesma, são: 29S0619170 – 4223931 – cota 96 m (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000).

Assim, embora exista uma solução de continuidade nos vestígios por nós detectados, sendo estéril, sob esse aspecto, o



Ilustração 4 – Zona de distribuição dos achados

terreno que medeia desde a zona dos achados até ao Monte da Casa Branca, que lhe fica próximo, admitimos estar em presença de uma instalação, porventura pertencente a um complexo mais vasto, centrado na Casa Branca, de que já só existem vestígios dispersos. Aliás, tivemos ocasião de encontrar explicação para a ausência de vestígios entre esta zona e o Monte da Casa Branca. É que, segundo relato de um pastor que trabalha no Monte há mais de 30 anos, essa era a zona onde se situaria uma necrópole que foi posta a descoberto nos finais dos anos sessenta, situação que ele teve oportunidade de presenciar.

Os fragmentos de cerâmica decorada pertenceriam a um grande contentor – talvez um *dolium* de que se recuperou parte do bordo e muitos fragmentos do bojo.

Estes fragmentos têm uma espessura variável entre 2,3 cm e 2,9 cm e pasta avermelhada, mostrando no exterior e no interior a presença de elementos não plásticos (quartzo) de granulometria por vezes superior a 5 mm.

A decoração é constituída por faixas horizontais, a diferentes distâncias entre si, formadas por traços oblíquos a intervalos regulares, provavelmente impressos através da pressão de uma corda sobre a massa fresca.

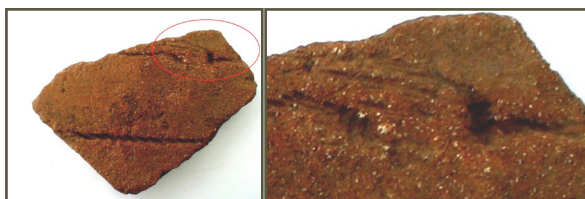


Ilustração 5 – Fragmento decorado, com a decoração interrompida, sendo visíveis as marcas dos nós das cordas

Milita a favor desta hipótese o facto de termos recolhido um fragmento de cerâmica onde são visíveis as impressões dos nós das extremidades da corda e mesmo de alguns fios.

Procurando paralelos para esta cerâmica decorada, fomos encontrá-los no Museu de Serpa, onde existe cerâmica com as mesmas características e decoração semelhante, proveniente do sítio romano do Monte de Santa Margarida.

Também o concelho de Aljustrel regista a presença deste tipo

de cerâmica em contextos romanos (embora a decoração tenha sido impressa com carretilha) na Horta do Rosário (freguesia de São João de Negrilhos) e na Vila Rosário (freguesia da Messejana) (PITA et ali, 1994: Estampa 4; fig.s 21, 22 e 24).

Em visita ocasional ao sítio da *villa* da Horta do Cano, em Pedrógão, aí recolhemos igualmente um fragmento com decoração muito semelhante.

Foram ainda recuperados, entre outros, fragmentos de diversa cerâmica doméstica, de que se destacam:

Sigillata:

- Fragmento de recipiente contendo porção de pé e parede. Apresenta pé alto em anel, sobreelevado. A pasta é vermelha, de textura mole e muito bem depurada, compacta. Não são visíveis elementos não plásticos. O fragmento encontra-se bastante erodido mas ainda é possível observar vestígios de verniz vermelho na superfície externa. Provavelmente, também se encontraria na face interna mas tal já não é possível observar. O diâmetro ao nível do pé é de 80 mm e a espessura média é de 7 mm no pé e 5 mm na parede (Des 1).

Cerâmica comum e de armazenagem:

- Fragmento de prato contendo porção de bordo e parede. Mostra bordo extrovertido, espessado interiormente, com lábio de perfil semicircular. A pasta é castanha escura, de textura dura, estratificada. São visíveis elementos não plásticos de grão médio (1 mm-2 mm) a grosso (2 mm-4 mm). Nenhuma das superfícies foi revestida ou recebeu qualquer tipo de tratamento. O diâmetro ao nível do bordo é de 362 mm e a espessura média é de 15 mm no bordo e 12 mm na parede. (Dês. 2);
- Fragmento de *dolium* contendo porção de bordo e pa-

rede. Mostra bordo introvertido com lábio de perfil semicircular. A pasta é castanha escura, de textura dura, pouco depurada, grosseira. São visíveis elementos não plásticos de grão médio (1 mm-2 mm) a grosso (2 mm-4 mm). Nenhuma das superfícies foi revestida ou recebeu qualquer tipo de tratamento. O diâmetro ao nível do bordo é de 362 mm e a espessura média é de 29 mm no bordo e 22 mm na parede (Des.3);

- Fragmento de terrina contendo porção de bordo e parede. Mostra bordo ligeiramente extrovertido com lábio de perfil semicircular. O bordo encontra-se demarcado do corpo do fragmento por depressão circular concêntrica. A pasta é castanha escura, de textura dura, pouco depurada, grosseira. São visíveis elementos não plásticos de grão médio (1 mm-2 mm) a grosso (2 mm-4 mm). Nenhuma das superfícies foi revestida ou recebeu qualquer tipo de tratamento. O diâmetro ao nível do bordo é de 488 mm e a espessura média é de 25 mm no bordo e 14 mm na parede (Dês. 4);
- Fragmento de recipiente (bilha?) contendo porção de bordo, parede e asa. Não é possível perceber a configuração do bordo porque o fragmento se encontra muito rolado. A asa, em corte, mostra perfil ovalado. A pasta é cinzento clara no núcleo (cozedura em ambiente redutor) e vermelho clara na orla da parede. Mostra textura dura, pouco depurada, grosseira. São visíveis elementos não plásticos de grão médio (1 mm-2 mm). Nenhuma das superfícies foi revestida ou recebeu qualquer tipo de tratamento. O diâmetro ao nível do bordo é de 120 mm e a espessura média é de 20 mm na asa. Não foi possível determinar as restantes medidas, dado o estado de conservação do fragmento (Des. 5);
- Fragmento de recipiente (panela?) contendo porção de fundo e parede. Apresenta fundo plano. A pasta é

castanha escura e mostra textura dura, mal depurada, estratificada. São visíveis elementos não plásticos de grão fino (0,5 mm-1 mm). Nenhuma das superfícies foi revestida ou recebeu qualquer tipo de tratamento. Apesar disso, a superfície interior mostra vestígios de ter sido exposta à acção do fogo (aparentemente, não pela utilização mas por outras razões cuja causa não é possível identificar, dada a falta de contexto). O diâmetro ao nível da base é de 108 mm e a espessura média é 11 mm tanto ao nível da base como ao nível da parede (Des. 6).

Casa Branca

Na zona plana, nas imediações do Monte da Casa Branca (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000 - 29S0618742 - 4224224 - cota 95 m), onde foram localizados também alguns materiais pré-históricos, foi identificada igualmente uma mancha de dispersão de materiais romanos (cerâmica de construção e domés-

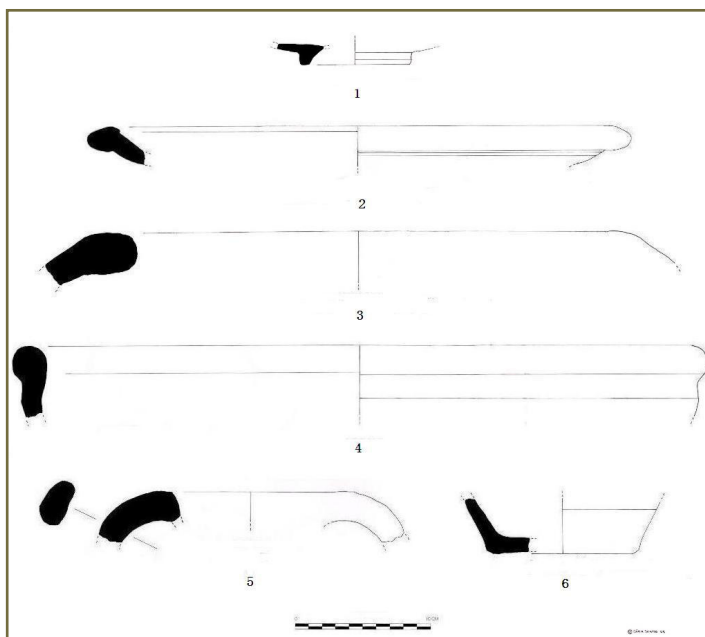


Ilustração 6 – Alguns da cerâmica recolhida

tica), muito fragmentados e, por vezes, mesmo erodidos. Foram recolhidos fragmentos de *tegulae*, sendo a maioria de pastas acastanhadas e com um perfil menos maciço do que as da Fonte de Marmelar, o que, tanto pode significar que corresponderão a fabricos de épocas diferentes, como fabricos para diferentes funcionalidades dos espaços que recobriam.

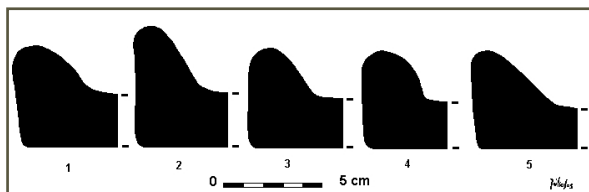


Ilustração 7 - Perfis de tegulae recolhidas. Os exemplares 4 e 5 são de pastas alaranjadas

Foram igualmente recolhidos fragmentos de recipientes cerâmicos, incluindo um fragmento de um recipiente de amplo diâmetro (bacia?) contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo extrovertido com lábio de perfil semicircular. A pasta é vermelha e mostra textura dura, não muito bem depurada, estratificada. São visíveis elementos não plásticos de grão fino (0,5 mm-1 mm) a médio (1 mm-2 mm). A superfície interna mostra tratamento através de brunimento (extensível a grande parte da superfície do bordo). No exterior, não foi aplicado qualquer tipo de revestimento ou tratamento. O diâmetro do bordo é de 500 mm e a espessura média é 16 mm tanto ao nível do bordo e 9 mm ao nível da parede. Atendendo à escassez do material e ao estado de revolvimento do sítio, onde existem também já materiais modernos à mistura, é difícil caracterizar o tipo de ocupação que terá existido no local, devendo ela também integrar-se no conjunto mais vasto da ocupação romana do Monte da Casa Branca.

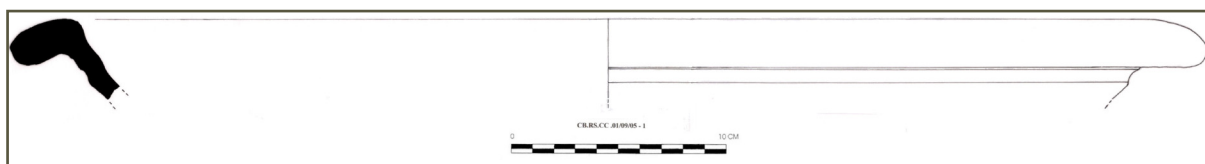


Ilustração 8 - Recipiente cerâmico com a superfície interna brunida

Monte da Casa Branca

Na encosta da elevação onde se situa o Monte da Casa Branca é igualmente possível ver à superfície fragmentos de materiais de construção romanos (lateres, *tegulae* e ímbrices), à mistura com materiais mais modernos, todos eles muito fragmentados e erodidos.

Esta mistura de materiais tem a ver com o restauro do monte, ocorrido há uns anos (LOPES, 2003: 87)



Ilustração 9 - Monte da Casa Branca - entre o caminho e o Monte, a zona dos vestígios

Assim, é provável que o Monte corresponda à versão actual de um casal romano que existiria no local.

Na fotografia aérea que a seguir se reproduz (DigitalGlobe 2005, Google), mostra-se a localização da necrópole e das manchas de vestígios cerâmicos.



Ilustração 10 - Distribuição dos vestígios

As coordenadas deste sítio (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0618950 - 4224050 - cota 95 metros

CAMINHO VICINAL DA INSUÏNHA

Olival da Malhada da Gata

A escassas centenas de metros da entrada do caminho vicinal que, a partir da estrada municipal Pedrógão-Marmelar dá acesso à Insuinha, do lado direito da mesma, no sentido da Insuinha, existe um conjunto isolado de oliveiras de grandes dimensões, algumas delas já de troncos carcomidos, atestando a sua antiguidade.

A sua vetustez e o alinhamento de algumas delas, parecendo delimitar uma grande divisão que lhe subjazeria, chamou-nos a atenção para este sítio, levando-nos a analisá-lo detidamente.



Ilustração 11 - Conjunto de oliveiras que parecem delimitar um espaço rectangular

As coordenadas do local (carta militar de Portugal, nº 500, na escala de 1/25 000) são as seguintes: 29S0618451 - 4221899 - cota 157 metros).

No espaço delimitado pelas oliveiras e na sua imediata vizinhança eram visíveis alguns fragmentos de cerâmica de construção (*tegulae*, lateres, ímbrices) e algumas pedras graníticas de pequenas dimensões que deveriam integrar uma construção que, possivelmente, aí teria existido.

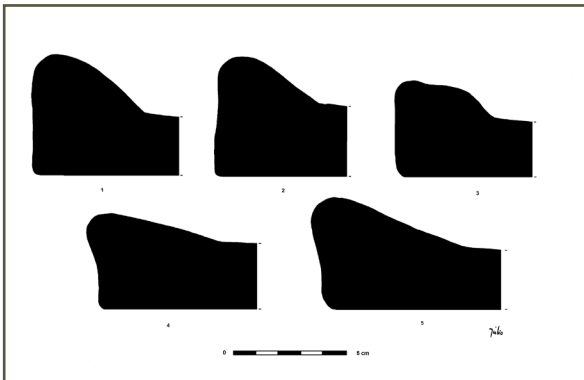


Ilustração 12 - Perfis de tegulae recolhidas

As *tegulae* de perfil mais maciço (nºs 1 e 2) são de cor alaranjada e de pastas de boa qualidade, apresentando um acabamento que não denuncia a presença de elementos não plásticos, os quais apenas são visíveis, e mesmo assim em reduzida quantidade, nas fracturas.

As restantes, são de cor acastanhada e têm abundância de e. n. p. (quartzo), de calibre muito reduzido (inferior a 1 mm). Recolhemos ainda um fragmento da boca e diversos fragmentos do bojo de um contentor cerâmico de grandes dimensões, do tipo *dolium*. Este tem uma espessura de 4,4 mm e a pasta do mesmo parece ser semelhante à destas últimas *tegulae*, quer quanto à coloração, quer no tocante à presença e granulometria dos e. n. p..

Face à escassez de elementos é difícil precisar a natureza e a cronologia do sítio, sendo de presumir que se tratasse de um pequeno casal romano.

Malhada da Gata

Um pouco mais para o interior do caminho, numa pequena elevação situada junto ao caminho vicinal, do lado esquerdo no sentido da Insuínha, detectámos igualmente a presença de fragmentos de cerâmica de construção (*tegulae*, lateres, ímbrices), algumas pedras graníticas, um fragmento da boca e vários fragmentos do bojo de um contentor cerâmico tipo *dolium*, muito semelhante ao anterior.

Atribuímos a este sítio a designação de Malhada da Gata por ser o micro topónimo mais próximo.

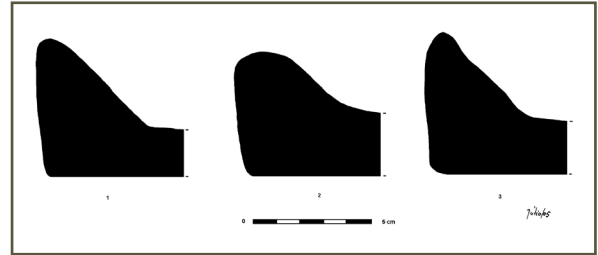


Ilustração 13 - Perfis de tegulae recolhidas

Os fragmentos de *tegulae* recolhidos são de cor acastanhada (à excepção do nº 3, que é alaranjado) e mostram claramente a presença de e. n. p. (quartzo) de granulometria inferior a 1 mm, com excepção do nº 1, que apresenta alguns elementos de calibre superior.

O fragmento de bordo de *dolium* tem a espessura de 4,1 mm, é de cor acastanhada e apresenta, em toda a superfície, e. n. p. (quartzo) de granulometria próximo de 1 mm.

Os materiais encontravam-se concentrados numa zona pequeníssima ($\pm 50 \text{ m}^2$). Porém, junto a algumas árvores existentes nas imediações, eram visíveis amontoados de pequenas pedras graníticas, estranhas ao local.

Num desses amontoados de pedras verificámos a presença de um bloco granítico quadrangular, apresentando uma depressão provocada pelo girar de uma outra peça (eixo de uma porta?), que, no entanto, não temos elementos que nos permitam garantir que pertença ao mesmo contexto.



Ilustração 14 - Pedra granítica com uma depressão causada pelo uso

A escassez dos indícios também não nos permite caracterizar com segurança a natureza e a cronologia do sítio; contudo, é provável que, funcionalmente, estivesse ligado ao Olival da Malhada.



Ilustração 15 – Localização relativa destes dois sítios

CAPELA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES

A Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres é uma pequena orada situada na margem esquerda do Barranco da Amoreira.



Ilustração 16 – Vista da Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres

Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres 3

Numa fase avançada da obra que se desenvolveu nas imediações da Capela, as primeiras chuvadas outonais, arrasando a palha seca que cobria a superfície do terreno, vieram pôr a descoberto a existência de vestígios romanos, de cuja presença já suspeitávamos, mas de que, até aí não tivéramos confirmação.

Efectivamente, mesmo muito próximo da Capela e nas imediações da zona de intervenção, à esquerda do caminho vicinal que conduz àquele pequeno templo, num terreno usualmente agricultado, situado num ligeiro declive para o Barranco da Amoreira, deparámos com a presença de materiais de construção (*tegulae*, imbrices, lateres) romanos. Com base na amostra dos fragmentos de *tegulae* recolhidas (20 exemplares) podemos dizer que as mesmas eram de perfis, pastas e acabamentos muito diversos.



Ilustração 17 - Em primeiro plano, o sítio romano, vendo-se a densidade do coberto vegetal rasteiro dificultando a visibilidade do solo

Existem *tegulae*:

- De cor alaranjada ou laranjada/acastanhada, perfil arredondado, com excelente acabamento e cozimento uniforme, quase não se notando a presença de elementos não plásticos, a não ser nas zonas de fractura;
- Com idênticas características, mas com um cozimento em meio parcialmente redutor e arrefecimento em espaço aberto, o que fez com que o interior ficasse negro;
- De cor acastanhada, perfil predominantemente angular, com acabamento menos perfeito, cozimento uniforme, tendo bem visíveis a presença de elementos não plásticos de granulometria muito fina (inferior a 1 mm);
- De cor alaranjada/avermelhada, perfil angular, com acabamento muito imperfeito, mostrando grande quantidade de e.n.p (predominantemente quartzo) de grandes dimensões, podendo atingir os 8 mm e com uma cozedura que fez com que o interior ficasse negro;
- De cor muito clara, perfil angular, com acabamento relativamente perfeito e cozimento uniforme e repletas de e.n.p. de pequenas dimensões (inferiores a 1 mm).

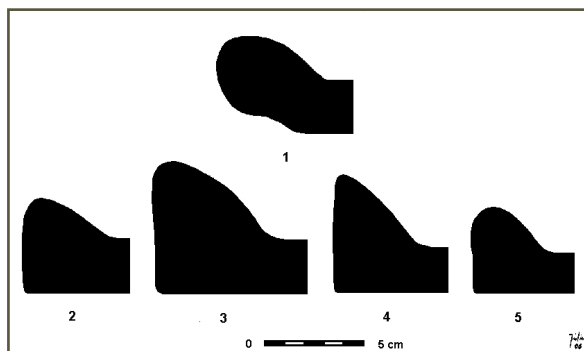


Ilustração 18 - Perfis de *tegulae* recolhidas neste local

Não temos elementos que nos permitam concluir se há algu-

ma relação entre a cronologia e as características das *tegulae*, mas é provável que a diversidade de pastas e mesmo de tipos de cozimento, possa corresponder a diferentes origens das mesmas ou mesmo a diferentes momentos de fabrico. No local foram igualmente recolhidos alguns fragmentos de cerâmica doméstica de pastas e colorações variadas, com predominância para as alaranjadas e fragmentos de cerâmica *sigillata*, um dos quais ostentando ainda parte de um elemento decorativo floral geométrico inscrito num círculo.

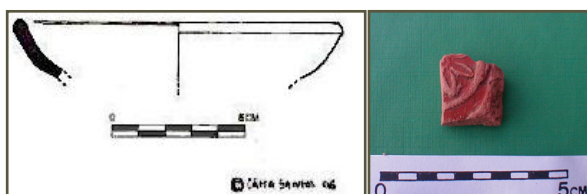


Ilustração 19 - Siigillata

No desenho supra vê-se a reconstituição parcial de uma taça a partir de um fragmento contendo porção de bordo e parede. O bordo é extrovertido, com lábio de perfil subtriangular e corpo hemisférico. A pasta é vermelha e mostra-se bastante bem depurada, sendo também bastante compacta. A textura é mole e não são visíveis elementos não plásticos (observação macroscópica). Ambas as superfícies se encontram revestidas por verniz vermelho brilhante, de boa qualidade, bastante aderente. O diâmetro ao nível do bordo é de 120 mm e a espessura média é de 4 mm no bordo e 3 mm na parede.

Nas proximidades existia um monte de pedras graníticas, algumas delas aparelhadas, que havíamos protegido inicialmente com fita sinalizadora na suposição de que algumas pudessem estar próximo das estruturas que as teriam originado, mas que o proprietário do terreno nos informou, mais tarde, serem provenientes da zona dos vestígios romanos, retiradas durante os trabalhos agrícolas e ali colocadas. Junto às mesmas havia igualmente uma pequena fracção de mármore branco, fino, de revestimento.



Ilustração 20 - Amontoado de pedras graníticas provenientes do sítio romano

Este sítio tem as seguintes coordenadas (carta militar de

Portugal 511 na escala de 1/25 000), tomando como centro a zona de maior densidade dos materiais: 29S0621639 – 4219595 – cota 104 metros.

Tendo em consideração a localização deste arqueossítio, a sua provável extensão e o tipo de materiais evidenciados à superfície, é possível que estejamos perante um casal agrícola de certa importância.

Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres 4

A Este da Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres e a curta distância desta, a meio de uma encosta que lhe fica fronteiria, referenciámos uma pequena área ($\pm 60 \text{ m}^2$) onde existiam alguns vestígios da presença romana, nomeadamente pequenos blocos graníticos, cerâmica de construção (*tegulae*, ímbrices e lateres).

A pequena amostra de fragmentos de *tegulae* recolhidos (5 exemplares apenas) reflecte a diversidade já detectada no sítio anterior e tem perfis com uma notável semelhança com os das *tegulae* daquele sítio, o que, não sendo absolutamente seguro, é mais um elemento a apontar para a possibilidade de se tratar de um sítio coevo do anterior.

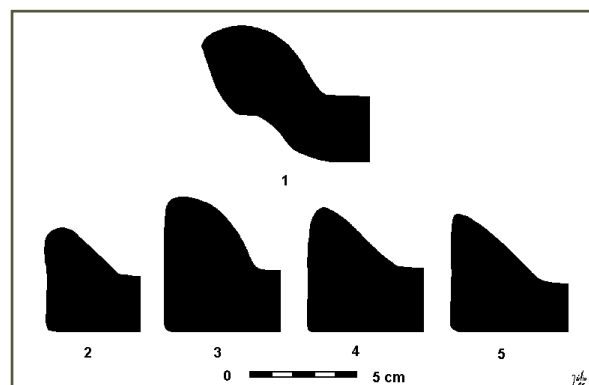


Ilustração 21 - Perfis de tegulae recolhidas



Ilustração 22 - Assinalada, ao alto, a pequena zona de vestígios

Assim, existem *tegulae*:

- Acastanhadas, perfil arredondado, acabamento pouco perfeito, cozimento uniforme, tendo bem visíveis a presença de elementos não plásticos (quartzo) de granulometria muito fina (inferior a 1 mm);
- De cor alaranjada, perfil angulosos, acabamento perfeito, cozimento uniforme, ostentando e.n.p. de granulometrias muito variadas (alguns superiores a 5 mm);
- De cor alaranjada/avermelhada, acabamento perfeito, mas com um cozimento em que o interior ficou negro.

Este sítio tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal 511 na escala de 1/25 000): 29S0621575 – 4219582 – cota 107 metros.

Face à proximidade em relação ao sítio anteriormente identificado é muito provável que se tratasse de uma pequena construção que se integrasse no mesmo.

Capela de N^a Sr.^a dos Prazeres 5

A abertura de uma vala de drenagem, já na fase final da obra, pôs a descoberto uma depressão onde se assinalava uma mancha mais escura de terra, com uma profundidade máxima de 30 cm.



Ilustração 23- - Vista geral da mancha e vista de pormenor

Essa terra negra embalava fragmentos de cerâmica de construção (*tegulae*, lateres, imbrices) bem como numerosos fragmentos de cerâmica doméstica.

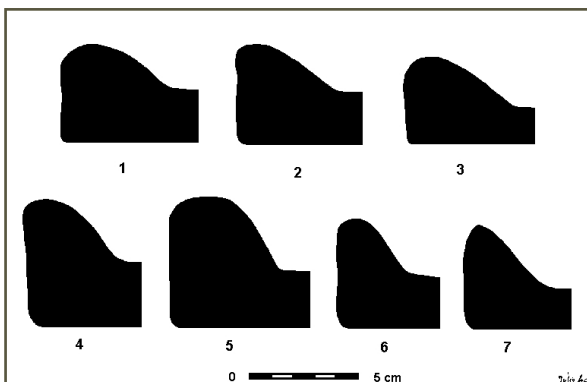


Ilustração 24 - Perfis das *tegulae* recolhidas

Os fragmentos de *tegulae* recolhidos, onde se encontram alguns perfis semelhantes aos recuperados nos sítios anteriores, têm as seguintes características:

- De cor acastanhada, perfis arredondados, bom acabamento, cozadura uniforme e abundante presença de e.n.p. de pequena granulometria (inferior a 1 mm);
- De cor alaranjada, perfis arredondados, excelente acabamento, cozadura uniforme e contendo e.n.p. de pequena granulometria (inferior a 1 mm);
- De cor alaranjada, perfis angulosos, acabamento imperfeito, cozadura uniforme e contendo abundantes e.n.p. de granulometria muito variada, alguns com mais de 5 mm;
- De cor alaranjada, perfil alto e arredondado, excelente acabamento, interior negro e presença de e.n.p. pouco abundantes e de granulometria variada.

Não estavam presentes blocos graníticos de construção e os fragmentos de cerâmica de construção eram de pequenas dimensões e já um tanto erodidos pelo que, uma observação cuidadosa do terreno e dos materiais, permitiu concluir pela inexistência de materiais *in situ*; muito provavelmente, estaríamos em presença de um depósito de vertente, que se acumulara naquela pequena depressão, onde se depositaram também algumas cinzas, que deram a cor negra ao sedimento.

A cerâmica doméstica, extremamente fragmentada, tinha características muito variadas, quer quanto à coloração, espessura e composição das pastas.

Para além de um fragmento de boca e bojo de um recipiente de grandes dimensões, do tipo *dolium*, de lábio espessado, revirado sobre os ombros, de pasta castanha escura, mal depurada e textura dura e grosseira, com elementos não plásticos visíveis de grão médio (1-2 mm), foram recolhidos alguns fragmentos que permitem a reconstituição parcial dos recipientes a que pertenceriam:

1. Fragmento de panela contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo extrovertido, com lábio de perfil semi-circular ligeiramente biselado. A pasta é de cor castanha escura e apresenta má qualidade, sendo mal depurada. A textura é dura e homogênea, com elementos não plásticos visíveis de grão fino (0,5-1 mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 130 mm e a espessura média é de 9 mm ao nível do bordo e 7 mm ao nível da parede.

2. Fragmento de panela contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo aplanado superiormente, com lábio de perfil semi-circular. A pasta é de cor cinzenta escura e apresenta má qualidade, sendo mal depurada. A textura é dura e bastante grosseira, com elementos não plásticos visíveis de grão médio (1-2 mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 140 mm e a espessura média é de 6 mm ao nível do bordo e 5 mm ao nível da parede.

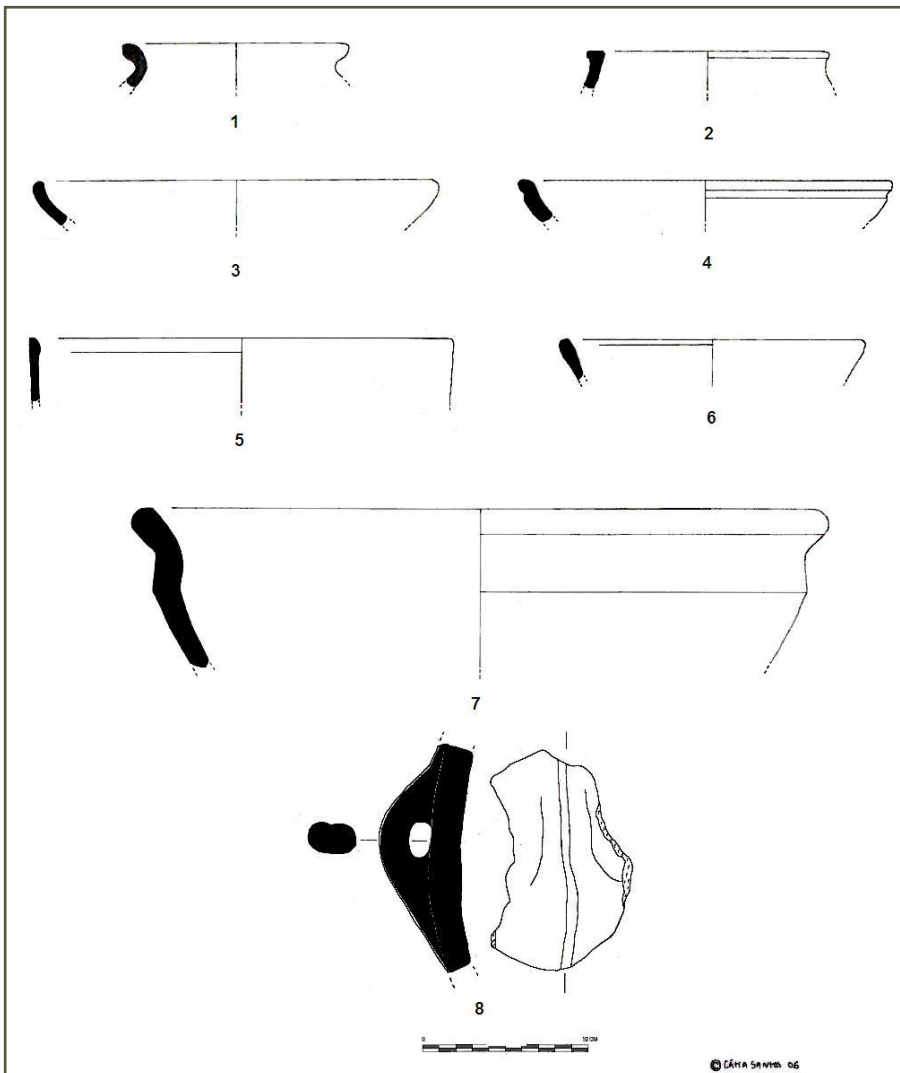


Ilustração 25 – Alguns da cerâmica recolhida

3. Fragmento de taça contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo introvertido, com lábio de perfil semi-circular ligeiramente biselado e corpo hemisférico. A pasta é vermelha escura e apresenta textura dura e homogênea e elementos não plásticos visíveis de grão fino (0,5-1 mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 240 mm e a espessura média é de 5 mm ao nível do bordo e 5 mm ao nível da parede.

4. Fragmento de taça contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo ligeiramente extrovertido, com lábio de perfil semi-circular e corpo hemisférico. O bordo encontra-se separado do corpo por uma canelura que se desenvolve concentricamente em torno da peça. A pasta é castanha clara e apresenta textura dura e homogênea, com elementos não plásticos visíveis de grão fino (0,5-1 mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 258 mm e a espessura média é de 5 mm ao nível do bordo e 4 mm ao nível da parede.

5. Fragmento de tacho contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo recto, espessado interiormente, com lábio

de perfil semi-circular ligeiramente biselado. O corpo é vertical. A pasta é vermelha e apresenta textura dura e estratificada, com porosidade de escala reduzidíssima e elementos não plásticos visíveis de grão fino (0,5-1 mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 258 mm e a espessura média é de 5 mm ao nível do bordo e 4 mm ao nível da parede.

6. Fragmento de tigela contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo com lábio de perfil semi-circular integrado em corpo de tendência tronco-cônica. A pasta é laranja e mostra-se mal depurada. A textura é dura e homogênea, com elementos não plásticos visíveis de grão médio (1-2 mm). Nenhuma das superfícies apresentam qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 178 mm e a espessura média é de 9 mm ao nível do bordo e 7 mm ao nível da parede.

7. Fragmento de alguidar contendo porção de bordo e parede. Apresenta bordo

extrovertido, com lábio de perfil semi-circular. A pasta é castanha, clara junto à superfície da parede e mais escura no núcleo (devido a cozedura em ambiente redutor); apresenta textura dura e grosseira e elementos não plásticos visíveis de grão médio (1-2 mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. O diâmetro do bordo é de 412 mm e a espessura média é de 17 mm ao nível do bordo e 15 mm ao nível da parede. Parece ter paralelo na região num exemplar recolhido em Cortes 2, nas imediações de Brinches (LOPES et alii) 1997; Estampa II, pp 28)

8. Fragmento de recipiente contendo porção de parede e asa completa. A asa mostra, em corte, perfil ovalado com ligeira depressão longitudinal. A pasta é castanha escura e mostra-se mal depurada, semelhante à do fragmento de bordo de *dolium* recolhido. A textura é dura e grosseira, com elementos não plásticos visíveis de grão médio (1-2 mm) a muito grosso (>4mm). Nenhuma das superfícies apresenta qualquer tipo de tratamento. A espessura média é de 19 mm ao nível da asa e 19 mm ao nível da parede.

Esta zona tem as seguintes coordenadas (carta militar de Portugal 511 na escala de 1/25 000): 29S0621618 – 4219582 – cota 105 metros.

Atenta a sua proximidade em relação aos sítios anteriores, consideramos que se inseria naquele complexo.

A foto que se segue dá uma ideia clara da posição relativa e da proximidade entre si, destes 3 locais onde recolhemos este conjunto de vestígios.



Ilustração 26 - Localização das três zonas de vestígios romanos

LOPES, Maria Conceição – 2003a – *A Cidade Romana de Beja, Percursos e Debates Acerca da “Civitas” de PAX JULIA*. Catálogo de Sítios, anexo da tese de doutoramento, Instituto de Arqueologia, Coimbra.

LOPES, M.C., CARVALHO, P.C. e GOMES, S.M. – 1997 – *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa. Câmara Municipal.

PITA, Luís e DIAS, Maria da Graça – 1994 – Estações Arqueológicas Inéditas do Concelho de Aljustrel, in *Vípasca*, nº 3, pp11-30.

PINTO, Inês Vaz – 2003 – *A Cerâmica Comum das Villae Romanas de São Cucufate (Beja)*, Universidade Lusíada Editora, Lisboa

Conclusão

Os trabalhos de campo realizados permitiram a detecção de um pequeno conjunto de sítios romanos, hoje praticamente destruídos, mas ainda assim portadores de alguma informação acerca da vida dessas populações e, principalmente, do modo de implantação no terreno, da malha de ocupação do solo e das relações de proximidade entre as *villae*, os casais agrícolas e os pequenos sítios, admitindo que existe uma certa contemporaneidade entre eles.

Contudo, de momento não é possível avançar com cronologias seguras quanto às ocupações ali verificadas, o que só um estudo exaustivo dos materiais, particularmente dos materiais cerâmicos – ainda por realizar - poderá permitir fazer. Esse trabalho sobre o passado, porém, será obra para o futuro.

Bibliografia

- ALARCÃO, J. de – 1988 – *Roman Portugal*, Vol 3
CAETANO, J.A.P. – 1994 – *Vidigueira e o Seu Concelho. Ensaio Monográfico*, Câmara Municipal da Vidigueira
LIMA, José Fragoso – 1981 – *Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura*, Biblioteca Municipal de Moura.
LIMA, José Fragoso – 1998 – *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura*, Câmara Municipal de Moura.
LOPES, M.C., CARVALHO, P.C. e GOMES, S.M. – 1997 – *Arqueologia do Concelho de Serpa*, Serpa. Câmara Municipal.
LOPES, Maria Conceição – 2003 – *A Cidade Romana de Beja, Percursos e Debates Acerca da “Civitas” de PAX JULIA*.